

Em meio à COP28, Brasil avalia convite para a Opep



O presidente Lula no aeroporto Al Maktoum, em Dubai, onde participa da COP28 Ricardo Stuckert/Presidência da República

Brasil avalia entrar em cartel do petróleo em meio à COP28

Imagem de potência ambiental deve ser questionada em caso de adesão à Opep+

COP28

Philippe Watanabe, Alexa Salomão e Nicola Pamplona

SÃO PAULO, BRASÍLIA E RIO DE JANEIRO Enquanto a discussão de quando será o fim do uso de combustíveis fósseis está no centro da COP28, a conferência da ONU sobre mudanças climáticas, em Dubai, o Brasil sinaliza que pretende aceitar convite para entrar na Opep+, que reúne os integrantes da Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) e produtores aliados.

Nesta quinta (30), primeiro dia da COP28, o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, disse que o Brasil quer integrar a entidade. "Esperamos nos juntar a este distinto grupo e trabalhar com todos os 23 países nos próximos anos", afirmou, em encontro com membros da Opep+.

Na reunião, ele contou que

o presidente Lula "confirmou nossa carta de cooperação" com o grupo a partir de janeiro de 2024. Procurado, o Palácio do Planalto informou em nota que o convite, feito na visita do presidente Lula (PT) à Arábia Saudita, é para "membro observador" e que os demais detalhes estão sendo analisados.

Nesta quinta, a Opep+, que funciona como cartel, promoveu uma política de cortes voluntários na produção de petróleo de seus membros, que resultaria em redução de quase 2 milhões de barris de petróleo por dia a partir de 2024.

Os cortes promovidos pela Opep+ costumam elevar os preços do petróleo no mercado global, e as nações se beneficiam de cotações mais altas. O Brasil é hoje o oitavo no mundo na produção de petróleo. Em março, Silveira anunciou planos para escalar a produção e tornar o país o quarto maior produtor global. A regi-

ão conhecida como margem equatorial, no litoral norte, é a nova fronteira de exploração desejada pela Petrobras.

Para conter o aquecimento do planeta em 1,5°C, meta do Acordo de Paris para evitar eventos climáticos mais extremos e mais frequentes, a AIE (Agência Internacional de Energia) diz que novos projetos de petróleo e gás não devem ser levados adiante. Hoje a temperatura média do planeta já é 1,2°C mais elevada do que no período pré-industrial.

Especialistas ouvidos pela Folha criticam a intenção do país de adesão à Opep+, que se contrapõe à imagem de liderança ambiental de Lula em discursos internacionais. "O Brasil tem dito querer ser o

ser o 'paladino do 1,5°C'. Ou seja, trabalhar com cenários mais ambiciosos e também mais seguros de contenção do aquecimento global", diz Natalie Unterstell, presiden-

te do Instituto Talanoa. Unterstell frisa que o cenário de 1,5°C não comporta planos de produção petrolífera de empresas e países detentores de reservas de combustíveis fósseis e que o convite em meio à COP28 é "constrangedor" para o governo Lula. "O Brasil se tornou membro da Opep+ seria um tanto anacrônico nesta década ou nas anteriores. Agora confirmar essa intenção de ser membro durante a COP é no mínimo inoportuno."

Não é a primeira vez que o Brasil é convidado para o grupo: a última vez foi em 2019, quando o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) anunciou convite feito pela Arábia Saudita, mas o processo não andou.

Stela Herschmann, especialista em política climática do Observatório do Clima, diz que o Brasil chega com bons resultados para a COP28 no quesito desmatamento da amazônia. Mas isso não é suficiente.

Entenda a Opep+

O que é?
A Opep é uma coalizão de países produtores de petróleo que coordena as políticas de produção do produto. A Opep+ inclui produtores aliados

Quantos membros tem?
A Opep tem 13 membros. A Opep+ acrescenta outros 10

Quem são os membros da Opep?
Arábia Saudita, Venezuela, Emirados Árabes Unidos, Nigéria, Líbia, Kuwait, Iraque, Irã, Gabão, Guiné Equatorial, República do Congo, Angola e Argélia

Eda Opep+?
Rússia, Cazaquistão, Azerbaijão, Malásia, México, Bahrein, Brunei, Omã, Sudão e Sudão do Sul

Por que o Brasil foi convidado?
Porque está entre os dez maiores países produtores de petróleo e é o maior produtor da América Latina desde 2016.

Qual a sua importância?
As decisões da Opep+ têm um impacto significativo nos preços do petróleo, afetando a economia global e a inflação para consumidores e indústrias

Quais desafios o setor enfrenta?
O grupo precisa se adaptar a mudanças nas dinâmicas do mercado, incluindo a ascensão de fontes de energia alternativas, a volatilidade da demanda global por petróleo e as crescentes tensões geopolíticas em regiões-chave

Uma hora, [Lula] coloca a proteção ambiental no centro político exterior de seu governo e, ao mesmo tempo, acelera a exploração fóssil

Juliano Bueno de Araujo, diretor técnico do Observatório do Petróleo e Gás e do Instituto Internacional Arayara

"Qualquer liderança global climática precisa ter posicionamento firme sobre eliminação dos combustíveis fósseis," Ampliar a exploração de petróleo já foi explicitado por Lula. Sobre a pesquisa na bacia Foz do Amazonas, ele já disse que gostaria de "continuar sonhando" com ela, a despeito de negativa do Ibama.

Para Juliano Bueno de Araujo, diretor técnico do Observatório do Petróleo e Gás e do Instituto Internacional Arayara, o Brasil e o presidente Lula agem com duplicidade na questão ambiental e climática.

"Uma hora, coloca a proteção ambiental no centro político exterior de seu governo e, ao mesmo tempo, acelera a exploração fóssil", diz Araujo.

Secretário do MME (Ministério de Minas e Energia) no governo Michel Temer e presidente da Associação Brasileira dos Produtores Independentes de Petróleo e Gás, Márcio Félix diz que é preciso olhar o convite por dois ângulos. "O Brasil é grande nesse setor, tem produção crescente, virou super exportador. Não tem só a Petrobras. Empresas gigantes do mundo estão aqui", diz. "A Opep+ observa isso, e nesse aspecto é demonstração da importância que o Brasil assumiu no contexto global."

Mas ele alerta para possíveis entraves para o Brasil. "A ideia de limitar a produção do Brasil é algo inimaginável, que teria repercussões sobre bolsas de valores e a confiança em relação ao país", diz. "É preciso ver qual seria o papel do Brasil. Se seria apenas um observador?"

Um argumento favorável à adesão do Brasil é poder vir de perto reuniões que decidem rumos do mercado. Fonte na Petrobras diz que antecipa essas ações é estratégico. Já o professor do Instituto de Energia da PUC-Rio David Zilberstein, que foi diretor-geral da Agência Nacional de Petróleo, diz não haver razões para o país aderir à Opep+. "Não vejo utilidade para o Brasil se submeter a disciplina de cartel."

Ele diz que o Brasil tem dinâmica econômica e política diferente da adotada por integrantes da Opep e da Opep+.

Enquanto isso, dentro do país, no Congresso, o texto que trata do marco regulatório das cólicas em alto-mar, aprovado na Câmara na terça (29), inclui a obrigatoriedade de contratação de usinas térmicas carvão, altamente poluentes. Pelo texto aprovado, a operação das térmicas vai ser prorrogada de 2029 a 2050, e a energia será contratada pela Empresa Brasileira de Participações em Energia Nuclear e Binacional.

Com Reuters e AFP

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Ambiente Caderno: B Pagina: 1